

FIGURAÇÕES DOS INDÍGENAS EM *À MARGEM DA HISTÓRIA*

Camila Bylaardt Volker*

Resumo: O artigo aborda a figuração do indígena em *À Margem da História*, de Euclides da Cunha, especificamente nos artigos “Os Caucheros” e “Brasileiros”. Partindo de um breve apanhado de narrativas que deixam de figurar os indígenas entre as suas personagens, o texto analisa como a argumentação euclidiana endossa uma perspectiva de extermínio e extinção inexorável dos povos indígenas.

Palavras-chave: Euclides da Cunha. Amazônia. Povos indígenas.

Em 19 de junho de 1888, Raul Pompeia publica na *Gazeta de Notícias* o artigo intitulado “Um povo extinto” falando da iminente extinção do povo Bacairi. Recém-contatados, os Bacairi estariam fadados à extinção, a se tornarem “um documento inerte para a etnografia, como vítimas para a catequese e para a conquista” (POMPEIA, 2013, p. 4). Nesse artigo, Pompeia reitera uma imagem dos índios em harmonia tanto com a natureza, quanto entre si. Se, antes do contato, os Bacairi “viviam felizes, ausentes da geografia sistemática, distantes da História” (POMPEIA, 2013, p. 4), depois do contato, se tornaram documento, imagem, localização — elementos para a estrutura cumulativa e sucessiva, que os coloca no jogo de construção e destruição da barbárie e da civilização. Os Bacairi entrariam, assim, no jogo mimético da máquina de reprodução, se tornariam fósseis, réplicas, analogias.

O romance *Uma Tragédia no Amazonas*, também de Pompeia, publicado em 1880, tem seu cenário nos confins da Amazônia e aborda problemas políticos e sociais advindos da manutenção da escravidão no Brasil¹. A tragédia que desaba sob as personagens nos impede de observar um elemento intrigante no romance: a ausência dos autóctones. Consumidas pela barbárie, as personagens seriam por ela engolidas, assim como os Bacairi se tornariam “animais excrementos” (POMPEIA, 2013, p. 4). Mas, enquanto os Bacairi estavam fadados ao desaparecimento, em *Uma tragédia no Amazonas*, os índios não pertencem à ordem da percepção. São espectros sem documentos, a falha do não-dito.

Em *O Missionário*, de Inglês de Sousa, publicado em 1891, o padre Antônio deixa sua prelazia para pregar entre os Mundurucu: “Via-se entre os mundurucus a pregar o Evangelho, a reduzi-los à civilização e à fé do catolicismo” (SOUSA, 2010, p. 205). Depois de uma série de aventuras, o padre retorna para sua antiga prelazia sem ter visto

* Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: camilabyla@gmail.com.

¹ A abolição da escravatura no Brasil, “além de ser produto de um movimento social, se mostrou resultado da ação de homens de imprensa, como Raul Pompéia, que se engajaram na campanha, tanto na defesa intelectual, como na ajuda para a concretização de fugas de escravos que sofriam abusos excessivos de seus donos, os encaminhando para o norte, onde primeiro a abolição foi declarada, no Ceará e no Pará” (VIANNA, 2008, p. 17).

sequer um indígena. Conta ter estado entre eles e ganha fama por sua coragem e abnegação. Os Mundurucu participam da narrativa apenas como rumor, menção sem presença, hipótese, ausência, uma destinação da qual se desviou.

Tomando como introdução esses pequenos exemplos de ausência ou de deliberado apagamento dos indígenas de textos que se propõem a falar sobre um território que, convenhamos, é originalmente indígena, nosso artigo vai se deter nas imagens (ou não-imagens) dos indígenas em *À Margem da História*, de Euclides da Cunha, publicado em 1909.

Euclides da Cunha esteve na Amazônia em 1905 como chefe da Comissão Mista Brasileiro Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, na frente que mapearia o curso do Alto Purus. Durante sua viagem, o autor parece interessado em escrever um livro sobre a Amazônia, que possivelmente se chamaria “Um paraíso perdido”, conforme lemos em carta para José Veríssimo: “Acha bom o título *Um Paraíso Perdido* para o meu livro sobre a Amazônia?” (GALVÃO; GALOTTI (Orgs.), 1997, p. 268). No entanto, esse projeto não se concretizou; o livro efetivamente publicado, *À Margem da História*, versa sobre a Amazônia apenas em sua primeira parte.

Nesse livro, o cenário amazônico de Euclides é povoado, principalmente, pelos migrantes do nordeste e pelos caucheiros vindos do Peru. A ocupação dos migrantes e a invasão dos caucheiros parece se desenrolar em um cenário que era previamente desocupado: o Acre era um “deserto empatanado” (CUNHA, 1966, p. 248), os igarapés eram “sem nome” (CUNHA, 1966, p. 245), a Amazônia era “vastíssima, despovoada, quase ignota” (CUNHA, 1966, p. 248).

Em *À Margem da História* é somente em “Os caucheros”², o quarto artigo do livro, que os ocupantes nativos da floresta são trazidos para a cena:

Não há nomeá-las todas. Quem sobe o Purus, contemplando de longe em longe, até às cercanias da Cachoeira, os *pamarys* rarascentes, mal recordando os antigos donos daquelas várzeas; e dali para montante os *ipurinans* inofensivos; ou a partir do Yaco, os *tucurinas* que já nascem velhos, tanto se lhes reflete na compleição tolhiça a decrepitude da raça — tem a maior das surpresas ao deparar nas cabeceiras do rio com os silvícolas singulares que as animam. Discordes nos hábitos e na procedência, lá se comprimem em ajuntamento forçado; os *amahuacas* mansos que se agregam aos *puestos* dos extratores do caucho; os *coronauas* indomáveis, senhores das cabeceiras do Curanja; os *piros* acobreados, de rebrilhantes dentes tintos de resina escura que lhes dão aos rostos, quando sorriem, indefiníveis traços de ameaças sombrias; os barbudos *cashillos* afeitos ao extermínio em correrias de duzentos anos sobre os destroços das missões do Pachiteá; os *conibos* de crânios deformados e bustos espantadamente listrados de vermelho e azul; os *setebos*, *sipibos* e *yurimauas*; os *mashcos* corpulentos, do Mano, evocando no desconforme da estatura os gigantes fabulados pelos primeiros cartógrafos da Amazônia; e, sobre todos, suplantando-os na fama e no valor, os *campas* aguerridos do Urubamba...

A variedade das cabildas em área tão reduzida trai a pressão estranha que as constringe. O ajuntamento é forçado. Elas estão, evidentemente, nos últimos redutos para onde refluíram

² Na segunda edição de *À Margem da História*, de 1913, temos a grafia “caucheros”, que suprime a semivogal -i do ditongo da grafia portuguesa. Essa grafia foi respeitada nas edições posteriores, aparecendo inclusive em itálico na *Obra Completa*, organizada por Afrânio Coutinho, de 1966. Cabe observar, no entanto, que ainda que se tenha mantido o título com a grafia em castelhano, em várias partes do texto essa palavra aparece em sua grafia portuguesa, de maneira que é difícil saber se essa foi uma correção dos editores ou uma variação estilística da prosa euclidiana.

no desfecho de uma campanha secular, que vem do apostolado das Maynas às expedições modernas e cujos episódios culminantes se perderam para a História.

O narrador destes dias chega no final de um drama, e contempla surpreso o seu último quadro prestes a cerrar-se.

A civilização, barbaramente armada de rifles fulminantes, assedia completamente ali a barba encantada: os peruanos pelo ocidente e pelo sul; os brasileiros em todo o quadrante de NE; no de SE, trancando o vale do Madre de Diós, os bolivianos (CUNHA, 1966, p. 254).

Se, até então, em *À Margem da História*, a presença dos indígenas é inexistente, nesse artigo a pluralidade das etnias que ocupavam aquela região é trazida à tona, fazendo emergir novas personagens que permaneciam obscuras. A variedade de aldeias existente naqueles rincões não é pequena, de modo que é estranho que essa variável não tivesse ainda aparecido.

Em diversos momentos de *À Margem da História*, Euclides estabelece uma comparação da floresta com um quadro. Enquanto na foz do Amazonas as molduras desse quadro são indefinidas, ou quebradas, aludindo a um mapa que não se pode completar, ou à montagem de um cenário ainda em construção, aqui as cabildas indígenas retomam essa imagem — não são indefinidas ou quebradas, mas prestes a se fechar, tanto no sentido de uma obra finalizada, como no sentido de acabada, perdida. No novo quadro que se monta ainda é possível ver restos de um quadro que se fecha: e então aparecem as personagens dessa barba, de hábitos e procedências diversas, amontoadas no fundo de um cenário do qual não farão mais parte.

A argumentação de Euclides assume um lugar comum da iminente destruição dos povos indígenas. A catequese a ferro e fogo, levada a cabo por uma civilização barbaramente armada, resulta num paradoxo ardiloso. Se, em “Contra os caucheiros”, antes da participação na Comissão Mista, Euclides já advogava uma solução diplomática do conflito, em que a definição de fronteiras se daria de acordo com a ocupação populacional civilizada — e os indígenas não entravam nessa conta — a civilização (bárbara?) que exterminava os nativos se compunha de brasileiros, peruanos e bolivianos.

Na solução diplomática arquitetada por Euclides, as estratégias de enfraquecimento do argumento peruano vão paulatinamente se delineando: “E os caucheiros aparecem como os mais avantajados batedores da sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminado naqueles sertões remotíssimos os mais interessantes aborígenes sul-americanos” (CUNHA, 1966, p. 254).

Os caucheiros poderiam até ser considerados população civilizada peruana, mas seus métodos assemelham-se aos da barba. E a esse argumento se segue a explanação sobre a exploração do caucho: “O caucheiro é forçadamente um nômade votado ao combate, à destruição e a uma vida errante ou tumultuária” (CUNHA, 1966, p. 255); “vão em busca do selvagem que devem combater e exterminar ou escravizar, para que do mesmo lance tenham toda a segurança no novo posto de trabalhos e braços que lhes impulsionem” (CUNHA, 1966, p. 255).

Nos outros artigos de *À Margem da História*, a chegada do migrante brasileiro é descrita sem menções às correrias e massacres empreendidos para o estabelecimento dos seringais — o crime estaria no povoamento sem controle, que obrigou o seringueiro a trabalhar para se escravizar. Em “Os caucheros”, a estratégia peruana de devastaçã

ocupação da floresta recebe todo o peso da barbárie — uma vez que os indígenas não apareceram antes, o silêncio de Euclides parece sustentar que o conflito com os indígenas existia entre os caucheiros e não entre os seringueiros. As correrias, requisito necessário à conquista, são descritas pela primeira vez, como podemos ver no exemplo abaixo:

A um ouvimos certa vez o processo seguido:

Se los atrae al tambo por medio de regalos: ropa, rifles, machetes, etc.; y sin hacerlos trabajar, se les deja que vayan a tolдерio a decir a sus compañeros el como son tratados por los cauchereros, que no los obligan a trabajar, sino que les aconsejar que trabajen un poco y a voluntad, para pagar aquilo que les dieron...

Estes meios pacíficos, porém, são em geral falíveis. A regra é a caçada impiedosa, à bala. É o lado heróico da empresa: um grupo inapreciável arrojando-se à montaria de uma multidão. Não se lhe pormenorizam os episódios.

Subordina-se a uma tática invariável: a máxima rapidez do tiro e a máxima temeridade. São garantias certas do triunfo. É incalculável o número de minúsculas batalhas travadas naqueles sertões onde reduzidos grupos bem armados suplantam tribos inteiras, sacrificadas a um tempo pelas suas armas grosseiras e pela afoiteza no arremeterem com as descargas rolantes das carabinas (CUNHA, 1966, p. 256).

O argumento de Euclides cita alguém (sem menção da fonte), em espanhol, possivelmente um caucheiro, que descreve uma maneira amigável de aproximação dos índios. Existiu uma intenção deliberada, por parte do autor, em indicar uma fonte externa, ainda que não se determinasse quem tivesse proferido aquelas palavras. O autor atrela informações obtidas em campo às suas observações gerais, de maneira a constituir um discurso que repudie as práticas dos caucheiros naquela região. Apesar da citação, são invalidados os métodos amigáveis e a regra geral da relação com os índios é explicitada através da descrição do que foram as correrias — “Não se lhe pormenorizam os episódios”, mas “é incalculável o número de minúsculas batalhas”.

Ainda que afirme que não vai pormenorizar nenhum episódio, Euclides cita um, acontecido em 1892, que tem como protagonista o famigerado caucheiro Fitzcarraldo. Carlos (ou Isaias Fermín? Ou Carlos Fernando?) Fermín Fitzcarrald López descobriu o istmo que leva o seu próprio nome: a ligação entre os rios Camisea e Manu, que ele acreditava ser afluente do Purus, mas era de fato afluente do Madre de Dios³.

Euclides conta de um massacre de indígenas da etnia Mashco encabeçado por Fitzcarraldo em 1892, nas cabeceiras do Madre de Dios. O lugar onde jaziam os corpos foi denominado *Playamashcos*. Na biografia de Reyna sobre Fitzcarraldo, podemos encontrar vários episódios semelhantes; nenhum, no entanto, traz a descrição feita por Euclides: o chefe dos mashcos teria duvidado da potência de uma cápsula de Winchester e tentado se ferir pressionando-a contra o seu corpo. Não obtendo resultado, teria mostrado a Fitzcarraldo o estrago que uma flecha fazia, cravando-a em seu próprio braço. Meia hora depois, toda a aldeia tinha sido exterminada por essas mesmas cápsulas, anteriormente menosprezadas pelo indígena.

³ Cf. REYNA, 1946, p. 33 ou p. 45.

Como Euclides não menciona a fonte desse caso, não é possível referendá-lo na biografia escrita por Reyna. Mas Reyna conta sobre um massacre de Mashcos que teria dado o nome a um lugar no rio Manu (que é um tributário do Madre de Dios):

No dia seguinte, depois do combate, Fitzcarraldo ordenou juntar os cadáveres dos mashcos e, seguindo os costumes dos infieis, os queimou junto com suas casas. Devido a este ato fúnebre e de ritual póstumo, os mesmos índios batizaram esse lugar com o nome de “Mashco-Rurana”, que na língua Pano quer dizer “onde foram os Mashcos” ou, literalmente, “Mashcos, havíamos sido” (REYNA, 1946, p. 86⁴).

Seria o mesmo episódio, em duas versões diferentes? Seria a mesma praia, com dois nomes? Não poderíamos afirmar com certeza. Se pensarmos na etimologia de “amazonas”⁵, vemos, com efeito, lugares marcados com o nome de um povo, ou, melhor dizendo, lugares marcados pelo massacre de um povo. O que se ressalta do texto de Euclides e é confirmado pela biografia escrita por Reyna, é que esses casos aconteciam frequentemente e eram a estratégia de povoamento e abertura de caminhos naquela região. E o protagonista dessa estratégia seria o caucheiro:

Realmente, o caucheiro não é apenas um tipo inédito na história. É, sobretudo, antinômico e paradoxal. No mais pormenorizado quadro etnográfico não há um lugar para ele. A princípio figura-se-nos como um caso vulgar de civilizado que se barbariza, num recuo espantoso em que se lhe apagam os caracteres superiores nas formas primitivas da atividade (CUNHA, 1966, p. 259).

O caucheiro seria, então, um civilizador que age através da selvageria, encarnada nas batalhas sangrentas com os indígenas para domínio do território. Como o próprio Euclides reconhece, o tipo é paradoxal e antinômico. O processo de obnubilação⁶ pelo

⁴ Tradução nossa. No original: “Al día siguiente, después del combate, Fitzcarrald ordenó juntar los cadáveres de los mashcos y, siguiendo la costumbre de los infieles, los quemó junto con sus casas. Debido a este acto fúnebre y de ritual póstumo, los mismos indios bautizaron este sitio con el nombre de ‘Mashco-Rurana’, que en lengua Pana quiere decir ‘Donde fueron los Mashcos’ o, literalmente, ‘Mashcos, habremos sido’” (REYNA, 1946, p. 86).

⁵ O nome Amazonas teria sido dado pelo explorador Francisco de Orellana, no século XVI: ao encontrar um grupo de mulheres guerreiras, resgatou o nome das mitológicas amazonas para nomeá-lo. Há uma etimologia popular que decompõe a palavra num prefixo de negação — a- — somado a *mazos*, seio. As amazonas seriam as mulheres que cortavam (ou queimavam) o seio direito para lutar melhor. É provável, no entanto, que a palavra tenha uma origem iraniana e designava um povo supostamente composto só por mulheres, localizado na Cítia ou na Líbia. Outra possibilidade para a origem desse nome seria da palavra “*amassunu*”, de origem indígena, cujo significado seria ruído de águas. Mesmo que as etimologias sejam falsas, falar da Amazônia é falar de um povo que se marca, marcando também um lugar; ou é falar de um ruído provocado pelo excesso de água.

⁶ Araripe Jr. propõe o conceito de obnubilação para compreender a originalidade da literatura brasileira. Segundo o autor, esse fenômeno consiste na “transformação por que passavam os colonos atravessando o oceano Atlântico, e na sua posterior adaptação ao meio físico e ao ambiente primitivo (...). Dominados pela rudez do meio, entontecidos pela natureza tropical, abraçados com a terra, todos eles se transformavam quase em selvagens” (ARARIPE Jr., 1960, p. 407). Se a adaptação à terra transformava os que aqui chegavam, essa transformação não era de mão única, “por outro lado também se foi tornando possível a transplantação dos elementos de civilização” (ARARIPE Jr., 1960, p. 479).

qual o caucheiro teria passado diz respeito a certos hábitos e costumes selvagens que teriam sido incorporados pelos exploradores do caucho. Mas é possível dizer que esse tipo de relação social, movida a caçadas e escravidão, era um hábito prévio dos indígenas? Se pensarmos com Montaigne, poderíamos dizer que “cada um chama de barbárie o que não é seu costume” (MONTAIGNE, 2010, p. 145), ou, parafraseando o francês, cada um chama de barbárie o que lhe convém.

O paradoxo, no entanto, não é exclusividade do caucheiro. O próprio argumento de Euclides parece resvalar em um. Pois se há uma tendência para ressaltar e denunciar os métodos de ocupação perpetrados por peruanos mascarados com a selvageria, parece que apesar de desaprovar os seus meios, o fim é tolerado.

Para sustentar seu argumento, Euclides torce o óbvio: poderíamos supor que o caucheiro selvagem estaria oposto ao seringueiro nordestino. Mas a comparação se dá com os bandeirantes:

Não há ajustá-la ao molde incomparável dos nossos bandeirantes. Antônio Raposo, por exemplo, tem um destaque admirável entre todos os conquistadores sul-americanos. O seu heroísmo é bruto, maciço, sem frinças, sem dobras, sem disfarces. Avança inteligentemente, mecanicamente, inflexivelmente, como uma força natural desencadeada. A diagonal de mil e quinhentas léguas que traçou de São Paulo até ao Pacífico, cortando toda a América do Sul, por cima de rios, de chapadões, de pantanais, de corixas estagnadas, de desertos, de cordilheiras, de páramos nevados e de litorais aspérrimos, entre o espanto e as ruínas de cem tribos suplantadas, é um lance apavorante, de epopéia. Mas sente-se bem naquela ousadia individual a concentração maravilhosa de todas as ousadias de uma época.

O bandeirante foi brutal, inexorável, mas lógico.

O caucheiro é irritantemente absurdo na sua brutalidade elegante, na sua galanteria sanguinolenta e no seu heroísmo à gandaia. É o homúnculo da civilização (CUNHA, “Os caucheros”, 1966, p. 260).

Observemos que os métodos dos bandeirantes são parecidos com os dos caucheiros: atravessam as paragens, abrindo caminho para a civilização, mediante a escravidão e o arruinamento de aldeias indígenas. Fitzcarraldo, o grande personagem do caucho trazido à baila por Euclides, foi acusado de crimes e métodos bárbaros. Não obstante, é considerado por muitos peruanos um herói civilizador e suas expedições abriram o istmo de Fitzcarraldo e os caminhos para navegação e escoamento de produção via o rio Madeira. Raposo Tavares também é uma personagem ambígua, vista por uns como herói, que expulsou os jesuítas e ajudou a alargar as fronteiras brasileiras com as suas expedições, mas foi acusado de crimes por outros. Myriam Ellis comenta, depois de fazer um apanhado das expedições empreendidas por esse famigerado bandeirante:

Levantou-se contra Raposo Tavares e contra os bandeirantes de São Paulo a acusação de que foram escravagistas, homens cruéis e hereges. É bom lembrar, todavia, que naquela época a Igreja e os Estados ainda não condenavam a escravidão dos negros e nem a Companhia de Jesus deixou de praticá-la e, muito amplamente, na África e no Brasil. Proclamar que os jesuítas defendiam a liberdade dos índios, em nome de um conceito integral de direitos humanos, seria hipocrisia.

É necessário, pois, colocar os bandeirantes dentro da moral de sua época e das determinantes do seu meio geográfico, econômico e social e medi-los, por comparação, com os seus maiores inimigos, os jesuítas espanhóis (ELLIS, 1970, p. 57).

Ainda que nos seja impossível e indesejável retornar ao conceito moral da época, cabe pensar no estratagema euclidiano para engendrar a sua comparação. De fato, as expedições bandeirantes, em particular as de Raposo Tavares, foram fundamentais para as definições das fronteiras brasileiras tal como as conhecemos hoje. Por outro lado, as expedições dos caucheiros não teriam como um dos resultados a expansão da fronteira peruana na Amazônia, conforme teria sido afirmado nos artigos “Conflito inevitável” e “Contra os caucheiros”, publicados em *Contrastes e Confrontos*, de 1907?

Assim como Myriam Ellis afirma que acusar os bandeirantes sem medi-los com seus inimigos jesuítas seria hipocrisia, o mesmo não valeria para comparação entre os bandeirantes e os caucheiros? Os dois grupos não utilizavam métodos “bárbaros” para levar adiante a civilização? Ou ainda, os dois grupos não seriam igualmente obnubilados? Não punham e tiravam as máscaras de selvageria conforme a situação? A oposição anacrônica entre caucheiros e bandeirantes nos leva a uma outra pergunta: quem são os inimigos dos caucheiros?

Essas questões não têm como serem respondidas a contento, uma vez que se referem a situações que são também vistas com as máscaras dos autores que sobre elas escreveram. Em sua acusação, Euclides retira a máscara de selvageria dos bandeirantes, colocando-a sobre os caucheiros. Se formos o argumento euclidiano na direção oposta, poderíamos dizer que, assim como o bandeirante, o caucheiro foi brutal, inexorável e lógico, pois o seu heroísmo à gandaia seguia barbaramente os passos necessários para exploração do caucho, que tinha, como requisito prévio, a dominação da população nativa. Assim como o caucheiro, o bandeirante também foi o “homúnculo da civilização” — as pequenas batalhas enfrentadas por esses pequenos indivíduos, muitas vezes de caráter vil ou mesquinho, abriram os caminhos para que muitos povos e lugares fossem dominados por nações.

Em certa medida, podemos pensar que a argumentação euclidiana também sai criando ruínas, tal como os caucheiros e os bandeirantes faziam. Se anteriormente ele comenta que a profusão de etnias indígenas era o “final de um drama”, o “último quadro prestes a cerrar-se”, podemos ver o mesmo movimento reproduzido em sua argumentação. Em “Os caucheros” não se fala mais sobre os indígenas: eles foram ultrapassados, e reaparecem no final do texto reiterando essa imagem do quadro encerrado. Como vimos na citação de Myriam Ellis, deve-se medir os bandeirantes de acordo com os seus inimigos, os jesuítas. E como devemos medir os caucheiros? De acordo com os indígenas ou com os seringueiros? Podemos assumir que os inimigos dos caucheiros seriam os seringueiros, mas esse embate flutua, de maneira silenciosa, na prosa euclidiana. Os indígenas, que eram os inimigos dos caucheiros e dos seringueiros — inimigos da civilização, talvez — são jogados para escanteio do argumento, sendo tomados como um peso morto em uma batalha já terminada.

O artigo começa com a menção das aldeias indígenas que se acantouaram naquela região, desviando-se para a problemática exploração do caucho. Quando, finalmente, a existência dos indígenas é mencionada em *À Margem da História*, a argumentação se desvia para o rumo já estabelecido pelo próprio título do artigo. Porém, se Euclides atribui ao caucheiro um papel agonizante nessa parábola, há ainda um outro “corpo” agonizante que teria sido abandonado.

Se Araripe Jr. já suspeitara que o salto e o desvio são traços da prosa euclidiana⁷, não podemos deixar de considerar aqui que, mesmo desviando rumos que teriam sido anunciados, Euclides retoma o movimento inicial: a “variedade das cabildas”, encerrada nos primeiros parágrafos do artigo, retorna, encerrando-se e encerrando “Os caucheros”.

O encerramento do quadro dos indígenas começa com a descrição de uma situação — a observação de um cadáver em um barranco do rio. Essa descrição aparece, reciclada, em dois textos diferentes: a entrevista ao *Jornal do Comércio* de Manaus, de outubro de 1905, e em “Os caucheros”. Vejamos, inicialmente, como é a descrição da cena no *Jornal do Comércio*, para que depois possamos recompor as cenas finais de “Os caucheros”:

Duas horas antes de alcançarmos aquele ponto, tínhamos visto, atirado no barranco esquerdo do rio, num claro, entre as frecheiras, o cadáver de uma mulher, uma amauaca. Fôra, ao que colhemos depois, trucidada pelos bárbaros, que rondavam por perto numa ameaça permanente e surda (CUNHA, 1966, p. 506-507).

Nesse trecho, a cena é descrita de forma breve e apresenta-se uma explicação para a morte da índia: a ameaça dos bárbaros, que “infestavam” aquelas paragens; a visão do cadáver viria a confirmar os temores de um ataque. Suporíamos, nesse contexto, que os bárbaros seriam os indígenas, que silenciosamente e sorrateiramente ameaçavam a todos. Em “Os Caucheros”, lemos outra versão do episódio da amahuaca morta:

Num dia, de julho de 1905, quando chegava ao último *puesto* caucheiro do Purus, uma comissão mista de reconhecimento, todos os que a compunham, brasileiros e peruanos, viram o corpo desnudo e atrozmente mutilado, lançado à margem esquerda do rio, num claro entre as frecheiras. Era o cadáver de uma amahuaca. Fôra morta por vingança, explicou-se vagamente depois. E não se tratou mais do incidente — coisa de nonada e trivialíssima na paragem revolvida pelas gentes que a atravessam e não povoam, e passam deixando-a ainda mais triste com os escombros das estâncias abandonadas... (CUNHA, 1966, p. 261-2).

Se, no primeiro trecho, o assassinato foi cometido por bárbaros que ameaçavam não só a população local, mas também os viajantes, no segundo trecho, a índia tinha sido morta por vingança e o responsável pela explicação continua sem ser nomeado; a flexão verbal assume a indefinição do sujeito. Uma vez que há um motivo para o assassinato, o crime perde o seu caráter de ameaça generalizada e ganha um aspecto mais específico — poderíamos suspeitar aqui de uma tendência para colocar esse crime na conta dos caucheiros, uma vez que aquela visão, um corpo feminino mutilado e desnudo, sem que se tivesse tido sequer a intenção de escondê-lo, um *nonada*⁸, seria uma consequência do

⁷ No ensaio “Dois Grandes Estilos”, escrito por ocasião da publicação de *Contrastes e Confrontos*, em 1907, Araripe Jr. (1966) conta uma parábola sobre um balanço para refletir sobre a personalidade e o estilo euclidiano: confiado em seu aparelho instrumental, Euclides se deixaria lançar por escarpas que o levam para um lugar diferente daquele que a princípio teria prefigurado. O balanço quebra, os cipós se corroem, as teorias prévias se despedaçam diante dos abismos em que se lança. A carreira no exército, a adesão ao projeto republicano, a viagem para o sertão, o trabalho como engenheiro, a viagem para a Amazônia — são todos abismos em que o escritor se lançou com saltos oblíquos, que se desviavam da seção meramente vertical.

tipo de atuação que os caucheiros tinham na floresta. Mas o quadro dos indígenas se encerra no final do texto, quando se descreve:

Num dos casebres mais conservados aguardava o último habitante. Piro, amahuaca ou campá, não se lhe distinguia a origem. Os próprios traços da espécie humana, trasmutava-lhos a aparência repulsiva: um tronco desconforme, inchado pelo paludismo, tomando-lhe a figura toda, em pleno contraste com os braços finos e as pernas esmirradas e tolhidas como as de um feto monstruoso.

Acocorado a um canto, contemplava-nos impassível. Tinha a um lado todos os seus haveres: um cacho de bananas verdes.

Esta coisa indefinível que por analogia cruel sugerida pelas circunstâncias se nos figurou menos um homem que uma bola de caucho ali jogada a esmo, esquecida pelos extratores — respondeu-nos às perguntas num regougo quase extinto e numa língua de todo incompreensível. Por fim, com enorme esforço levantou um braço; estirou-o, lento, para frente, como a indicar alguma coisa que houvesse seguido para muito longe, para além de todos aqueles matos e rios; e balbuciou, deixando-o cair pesadamente, como se tivesse erguido um grande peso: “Amigos”.

Compreendia-se: amigos, companheiros, sócios dos dias agitados das safras, que tinham partido para aquelas bandas, abandonando-o ali, na solidão absoluta (CUNHA, 1966, p. 262).

De uma índia morta e desfigurada, sem sequer ter sido enterrada, passa-se a um índio sozinho, de aparência repulsiva. Essa repulsão vinha dos traços humanos que ele apresentava. A sua linguagem era incompreensível e quase extinta. Era uma “coisa indefinível”, não um homem, mas uma bola de caucho. A imagem desse índio cuja origem não se consegue determinar funciona como o encerramento de dois quadros: o primeiro, que tinha sido anunciado anteriormente, é o dos indígenas. O segundo é o da exploração do caucho.

A solidão, a forma não humana, o som gutural mal pronunciado, e a origem indeterminada funcionam como provas de que o domínio indígena da região acabara. Usados como mão de obra, como objetos, foram deixados para trás, numa solidão estéril que acabaria por liquidá-los, sem sequer terem direito a uma cerimônia fúnebre. São como ruínas de uma avalanche destruidora que passara por ali. E mesmo essas ruínas seriam devoradas pela floresta, “desaparecendo a pouco e pouco na constrição irresistível da mata que reconquistava o seu território” (CUNHA, 1966, p. 262).

A analogia entre o indígena e a bola de caucho alimenta o argumento euclidiano contra os caucheiros, pois desse tipo de exploração também restariam somente ruínas a serem devoradas pela floresta. Sobre essa passagem, Foot-Hardman, comenta:

Na exploração belicosa, aventureira e predatória dessa moderna sociedade dos caucheiros, uma senda devastadora transparece ao longo dos “rios em abandono” e veredas interrompidas do extrativismo, rapidamente retomadas pela floresta reinante. Euclides acusa o nomadismo dessa atividade febril e fugaz. Na “figura lastimável do aborígene sacrificado”, parece fixar seu argumento, emergindo, das “lides tumultuárias” dos caucheiros, a imagem desse seu conhecido oxímoro, o daqueles homens “construtores de ruínas” — inclusive humanas. Na passagem final, contrapõe-se a única palavra do castelhano aprendida e pronunciada por Piro — “Amigos” — ao ciclo atroz da borracha e seus senhores. Pois ao murmurá-la, o índio, num “tocante gesto de saudade, fulminava sem o saber — com um sarcasmo pungentíssimo — “os patronos daquela cadeia enlouquecida” (FOOT-HARDMAN, 2009, p. 46).

Tal como vemos no comentário de Foot-Hardman, Euclides parece fixar seu argumento na crítica à exploração caucheira, pois o nomadismo extrativista dos caucheiros resultava apenas em ruínas. Aquela cadeia enlouquecida seria destruída pela floresta, não sem antes destruir os seus escravos, os indígenas. O que parece escapar ao autor é que o texto euclidiano não faz uma acusação inocente aos caucheiros; desde “Contra os caucheiros”, estabelece-se essa personagem como híbrida — “a bravura aparatosa do espanhol difundida na ferocidade mórbida do quíchua” (CUNHA, 1966, p. 162). O nomadismo do caucheiro era um problema, mas também a sua composição misturada, e, por isso, o caucheiro era mais suscetível às intempéries do clima da floresta.

Se pudermos forçar ainda mais o argumento euclidiano e a interpretação de Foot-Hardman, vemos que as duas cenas que finalizam “Os caucheros” compõem-se de indígenas destruídos. Ou seja, a denúncia que Euclides faz da violência contra os autóctones não é somente uma denúncia, mas também uma reiteração da figuração do indígena como uma personagem destruída e destituída de um papel signifiante nesses eventos. Ao acusar os caucheiros, contrapondo-os aos bandeirantes, Euclides parece endossar o próprio arruinamento por eles perpetrado. A imagem de um índio desfigurado e solitário que encerra o texto é uma forma de arruinar os indígenas, relegando-lhes o papel de vítimas numa tragédia finalizada.

Sobre a mesma passagem, temos o comentário de Finazzi-Agrò: “Um indígena, mais uma vez, encontrado na Amazônia, mas um indígena sem origem certa e sem forma humana, um representante último e, ao mesmo tempo, primitivo, o produto de uma degeneração medonha de uma geração monstruosa — sobrevivente e feto” (2013, p. 224).

Os dois comentadores confundem as informações apresentadas no texto euclidiano. Enquanto Euclides não conhecia a origem daquele indígena, suspeitando de que ele poderia ser Piro, Campa ou Amahuaca, Foot-Hardman toma o nome da etnia Piro por um nome próprio e Finazzi-Agró afirma que o indígena não tinha origem certa, algo que não se poderia afirmar, uma vez que quem não conhecia a origem do outro era Euclides, mas entre desconhecer a origem e afirmar que o outro “não tinha origem certa”, há uma grande diferença.

Foot-Hardman e Finazzi-Agró não desconfiam do argumento, sorrateiramente sustentado por Euclides, de que os índios estavam em extinção; eram os últimos escombros que se varreriam para fora da história que começava com a migração dos nordestinos para a Amazônia. Não obstante, a floresta é figurada como uma “terra sem história”, como se previamente à ocupação dos caucheiros e seringueiros aqueles rincões fossem tão ermos que sequer poderiam ter uma história; a história só começaria com a migração: sendo assim, os indígenas estavam e estariam sempre à margem da história.

O indígena abandonado, prestes a ser tragado pela floresta, que o engoliria como mais uma ruína deixada pelos caucheiros, aponta a direção para onde teriam ido os “amigos”, ou os responsáveis por toda aquela destruição.

Na intenção de defender o extrativismo seringueiro como melhor estratégia para ocupação do sudoeste amazônico, Euclides coloca-se ao lado dos construtores de ruínas. Com efeito, são eles que encerram o artigo “Os caucheros” — e notemos que a palavra “amigos” é cognata em português e em espanhol; não são falsos amigos; mesmo que

seringueiros e caucheiros não tenham sido evidentemente colocados em combate, tinham um mesmo inimigo em comum:

Das palavras castelhanas que aprendera restava-lhe aquela única; e o desventurado murmurando-a, com um tocante gesto de saudade, fulminava sem o saber — com um sarcasmo pungentíssimo — os desmandados aventureiros que aquela hora prosseguiram na faina devastadora: abrindo a tiros de carabinas e a golpes de *machetes* novas veredas a seus itinerários revoltos, e desvendando outras paragens ignoradas, onde deixariam, como ali haviam deixado, no desabamento dos casebres ou na figura lastimável do aborígene sacrificado, os únicos frutos de suas lides tumultuárias, de construtores de ruínas (CUNHA, 1966, p. 263).

No artigo “Brasileiros”, os indígenas aparecem novamente. Pelo título do artigo, seria esperado que os brasileiros, ou seja, os seringueiros, fossem o foco de toda a prosa, mas eles aparecem sorrateiramente, em uma cena dramaticamente montada:

Até que, provindos do ocidente e vencendo à voga arrancada nas ubás esguias as correntezas fortes do Pachiteá, atravessaram-na de extremo a extremo e foram abordar na confluência do Pichis alguns aventureiros destemerosos.

Eram uns caboclos entroncados, de tez morena e baça, e musculatura seca e poderosa. Não eram caucheiros. A palavra remorada não lhes vibrava na fanfarrice ruidosa. Ao invés de um *tambo*, improvisaram um tejupar mal-arranjado. Não se armaram do *cuchillo*, misto de punhal e de navalha. Pendiam-lhes à cintura as *facas de arrasto*, longas como as espadas.

Aperceberam-se sem ruídos para empresa e penetraram, vagarosamente, na floresta...

Não se conhecem as peripécias da entrada temerária, que foram sem dúvida excepcionalmente dramáticas. Os *cashibos* têm no próprio nome a legenda de sua ferocidade. *Cashi*, morcego; *bo*, semelhante. Figuradamente: sugadores de sangue. Ainda nos seus raros momentos de jovialidade aqueles bárbaros assustam, quando o riso lhes descobre os dentes retintos do sumo negro da palmeira chonta; ou estiram-se de braços, acaroados com o chão, as bocas junto à terra, ululando longamente as notas demoradas de uma melopéia selvagem.

Atravessaram, indenes na bruteza, trezentos anos de catequese e ainda são a tribo mais bravia do Ucayali.

Mas ao que se figura não pulsearam com vantagem o vigor dos novos pioneiros.

É que o bárbaro sanguinário tinha pela frente, enterreirando-o, um adversário mais temeroso, o jagunço.

Os recém-vindos eram brasileiros do Norte (CUNHA, 1966, p. 276).

Em “Os caucheros”, a estratégia euclidiana invertera o foco esperado da comparação entre caucheiros e seringueiros. Aqui esses dois grupos aparecem no mesmo texto, mas não são comparados diretamente; mais uma vez, vemos a estratégia diplomática de Euclides delineando-se não para a guerra ou para a invasão. Pelo Ocidente (vindos da mesma direção da civilização), os seringueiros entraram na floresta sem ruído, vagarosamente, assentando-se em seus postos de trabalho, sem nobres personagens, sem grandes histórias ou batalhas memoráveis, sorrateiramente civilizando a floresta. Não há que se combater os peruanos; não se estabelece nem textualmente um combate entre seringueiros e caucheiros: na sua fúria bárbara, os caucheiros engendram a própria ruína.

Por outro lado, assim como o caucheiro, o seringueiro também se tornaria um “homem perpetuamente arredio dos povoados”, solitário, abandonado nos seringais pelo poder público, sujeito aos desmandos de um patrão, mesmo que fosse um coadjuvante na

grande empresa de exploração da seringa. Esse regime semiescravo, essa solidão, esse afastamento do pago de origem, não seria uma forma de homiziar o seringueiro como um foragido da civilização? Os dois grupos são relegados a um trabalho solitário e distante dos centros urbanos, sem qualquer apoio das instituições estatais e sujeitos à lei do mais forte.

Observemos, além disso, que Euclides não menciona a relação entre seringueiros e indígenas, como se os migrantes do nordeste não tivessem se misturado. A mistura entre caucheiros e indígenas, principalmente através dos raptos de mulheres que aconteciam nas correrias é mencionada pelo brasileiro, mas é curioso que os seringueiros tenham entrado na história com uma mestiçagem prévia (explicitada em *Os Sertões*), mas sem uma mestiçagem posterior ter sido sequer aventada.

Se, em “Os caucheros”, as batalhas entre indígenas e caucheiros são encenadas, em “Brasileiros” Euclides finalmente tece uma aproximação entre o seringueiro e o índio. O contato entre os Cashibo e os recém-chegados vem descrito não como um combate sangrento, ou como correria, mas de outra maneira: “pulsear”, “enterreirar” — os dois verbos aludem à possibilidade de um combate. “Pulsear” faz referência à uma queda de braço, mas também à observação, sondagem; “enterreirar” pode significar briga e atrito, mas também significa transformar em terreiro, limpar, predispor favoravelmente. Ou seja, a queda de braço entre seringueiros e Cashibos passa pela transformação de um lugar que antes era o “quintal” dos indígenas em um terreiro dos seringueiros; ou por uma sondagem em que os indígenas verificariam a vantagem e a força dos recém-chegados.

Mesmo que o combate entre indígenas e seringueiros fosse mais tácito do que intempestivo, quando o foco era os caucheiros, os indígenas eram “os mais interessantes aborígenes” e agora são descritos como “bárbaros sanguinolentos” e “sugadores de sangue”. Percebe-se, assim, que a selvageria, seja ela indígena, seringueira ou caucheira, é acentuada de acordo com uma conveniência argumentativa. Se, em “Os caucheros”, a máscara de selvageria é colocada ou retirada de acordo com a necessidade, mas ainda vemos um fundo “civilizado” nesse tipo étnico, em “Brasileiros”, os caucheiros são tão bárbaros que extrapolam os limites da própria barbaria. Os indígenas, em “Os caucheros”, são barbaramente trucidados ou escravizados, exemplares interessantíssimos de um quadro a se encerrar; em “Brasileiros”, são bárbaros e selvagens e devem ficar temerosos diante do inimigo mais forte que se instalou em suas terras.

Enquanto a viagem para o sertão foi impulsionada por uma proposta jornalística, de denúncia, um trabalho não-governamental, que permitiu que Euclides da Cunha não acatasse as premissas estatais como modelo de sua prosa, a viagem para a Amazônia aconteceu em outros moldes: sendo um funcionário do Ministério do Exterior, sua incumbência era produzir documentos que ajudassem no estabelecimento da fronteira, defender o Brasil, não só a sua política, como a concepção que rege uma pátria e se impõe aos seus (futuros) cidadãos. Sendo assim, por mais que ainda se encontre um tom de denúncia, de inclusão dos sertanejos-seringueiros no conjunto de cidadãos brasileiros, é necessário separar, fragmentar, dividir, discernir e distinguir a pátria da não-pátria; distinguir os invasores (os caucheiros) e indistinguir aqueles que não pertenceriam nem à pátria brasileira nem à pátria peruana: os indígenas.

Os críticos da obra euclidiana, como vimos até agora, enebriados com a prosa do autor, parecem sucumbir ao seu enleio, e acatar o silêncio desconcertante do autor sobre a questão indígena. Leandro Tocantins, por exemplo, chega a afirmar:

Foi o contato lúdico com a Amazônia que lhe ampliou a visão histórica da América do Sul, levando-o a incursões sensacionais no campo da História e do Direito Público sul-americano. Ele não é somente o “mártir da paisagem”, ele também não é, na viagem ao Purus, o beato da história junto ao beato da natureza. Tudo passado a limpo pela sua inteligência e sensibilidade, a terra, os índios, a humanização da paisagem, a conquista dos espaços pelos primeiros exploradores da riqueza natural. Tudo é visto com amor franciscano: a água, a mata, as árvores, o céu, o sol, a chuva, até as estrelas de que tanto necessitou para seus cálculos astronômicos. E o seringueiro, o caucheiro, a quem defendeu, em piedade humana e justiça cristã, com a mesma veemência de um profeta bíblico (TOCANTINS, 1985, p. 16).

Como vemos na citação acima, os críticos euclidianos permanecem na superfície do argumento do autor, sem assumir os efeitos que essa própria argumentação reitera. Como se poderia deslocar do argumento defendido em “Os caucheros” e “Brasileiros” – e, por extensão – em *À Margem da História*, a política fronteira ali endossada? Quando Leandro Tocantins alega que Euclides teria “passado a limpo” a paisagem amazônica, devemos subentender que passar a limpo é efetivamente o que ele faz: retira a rasura, o erro, joga para margem do texto as falhas e as quebras que se proliferavam com a colonização. Piedade humana e justiça cristã para caucheiros e seringueiros? Talvez uma piedade humana para os seringueiros que, não obstante, figuram presos na floresta, escravos de uma dívida e de um sistema que os excluía, mas, ao mesmo tempo, agentes de uma grande empresa que os deixaria abandonados. Para os caucheiros, extinção, morte, finalização e, claro, o argumento de que seu sistema de extrativismo é inadequado para ocupação da floresta. Para os índios um amor franciscano? Somente se imaginássemos que esse amor apregoasse a sua expulsão de seus territórios tradicionais, sem os considerar como potenciais cidadãos de uma nação que se constituiria ali.

Se lemos a obra amazônica de Euclides desconsiderando os efeitos perversos que a definição de uma fronteira implica, estamos desconsiderando a dimensão política de sua obra, e endossando o seu silêncio sobre os povos indígenas. Devemos assumir que a constituição de uma nação engendrou sempre os malefícios do nacionalismo e, por conseguinte, a limitação de um espaço segundo os moldes nacionais: limita-se o seu uso e aqueles que o utilizam.

Como nos diz Stradelli: “tem-se o número das vítimas dos civilizados, mas o número dos indígenas é um segredo que só a floresta pode revelar” (STRADELLI, 2009, p. 188). As histórias dessas personagens indígenas são histórias de massacres: tanto na proliferação dos casos de violência, contribuindo para a reprodução desenfreada do jogo entre civilização e barbárie (que aumenta a própria barbárie, como nos diria Taussig (Cf. TAUSSIG, 1984, p. 467-497)), quanto no apagamento discursivo dessas mesmas personagens.

Se a literatura não é somente o que se fala, mas também o que se cala, uma leitura antimimética poderia apontar para uma subversão da sucessão contínua entre barbárie e civilização presente em *À Margem da História*, onde quem definitivamente fica à margem é a população indígena da Amazônia.

O artigo “Um povo extinto” denuncia a catástrofe do contato entre civilização e indígenas. Inscrever os indígenas como extintos (mesmo que não o sejam), não seria uma forma de ratificar a ausência dos indígenas na composição da sociedade brasileira? Não haveria um deliberado e conveniente apagamento dessa população? Nesse sentido, o coro dos que extinguem os indígenas é vasto: Raul Pompéia, Inglês de Sousa e Euclides da Cunha são exemplos que vimos aqui, e esse coro ainda ganha a segunda voz dos críticos, que ao invés de subverter essa voz que grita um apagamento (e também apaga), endossam-na.

Por outro lado, se lermos o que não foi escrito ficamos diante de uma retrospectiva desconcertante do apagamento das populações indígenas no processo de construção da nação brasileira. Enquanto Taussig aponta o xamanismo como uma possível subversão da dicotomia entre civilização e barbárie, em Euclides, a destruição indica o que, no sentido, também é destruído: os selvagens. Talvez devêssemos ler representações da nação, como *À Margem da História*, não “como convergência e sim como dispersão. Tão importante quanto o que ela inscreve, é o que ela rasura. Enumera falências e carências do outro, o bárbaro, sem mencionar as do narrador letrado”⁸ (ANTELO, 2010, p. 68).

A escolha por encerrar o quadro dos indígenas, feita no início do artigo “Os Caucheros” não deixa de ser doentia e triste. Pois assim como os “amigos” do indígena partiram, também aquele grupo do qual o narrador faz parte partirá, deixando para trás não só aquele indígena Piro, Campa ou Amahuaca, mas todos esses grupos, amontoados no canto de um quadro que deveria ser substituído por outro. O narrador assume uma perspectiva nacional que regia a concepção daquelas fronteiras; os índios não eram considerados cidadãos e, por isso, seriam deserdados da civilização que se construiria ali.

A construção da civilização não poderia ser separada da construção de ruínas. Para a definição da fronteira, as populações indígenas deveriam desaparecer, o que torna os construtores da civilização — bandeirantes, caucheiros e, por que não?, seringueiros — construtores de ruínas. Para que a superfície da floresta se tornasse parte do país, apodreceriam, em um outro canto dessa cena, os restos de quem a povoava antes.

Na superfície, os conflitos estão apaziguados, os caucheiros passaram e dão lugar a um povoamento “civilizado”. Mas no avesso desse quadro, Euclides, um triste poeta pelo avesso, como ele mesmo se define⁸, parece ter contribuído com um discurso potente e destruidor, possível, inclusive, na significação da palavra “avesso”: “desviar, afastar, repelir; voltar as costas” — que é o que ele faz com os indígenas.

REFERÊNCIAS

- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Dois Grandes Estilos (*Contrastes e Confrontos*). In: CUNHA, Euclides. *Obra Completa*. volume I. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1966. p. 83-100.
- _____. Dois vulcões extintos — Raul Pompéia e Euclides da Cunha. In: ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Obra Crítica de Araripe Jr.*, volume IV. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1966, p. 291-299.
- ANTELO, Raül. *Algaravia: discursos de nação*. 2a edição revista. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

⁸ “Discurso de Recepção na Academia Brasileira de Letras” (CUNHA, 1966, p. 207).

- BATAILLE, Georges. *A parte maldita, precedida de "A noção de dispêndio"*. 2a edição revista. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BERNUCCI, Leopoldo M. *A Imitação dos Sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- _____. (Org.). *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. Pôrto: Liv. Chardron, 1909. 309 p.
- _____. *À Margem da História*. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *Obra Completa de Euclides da Cunha*, volume I. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1966. p. 223-288.
- _____. *Contrastes e confrontos*. Prefácio de José Pereira de Sampaio (Bruno). Pôrto: Emp. Litteraria e Typographica, 1907. xxiii, 257 p., 18 cm.
- _____. *Contrastes e confrontos*. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *Obra Completa de Euclides da Cunha*, volume I. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1966.
- _____. "Os trabalhos da Comissão Brasileira de reconhecimento do Alto Purus". In: COUTINHO, Afrânio (org.). *Obra Completa de Euclides da Cunha*, volume I. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1966, p. 504-508.
- _____. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.
- ELLIS, Myriam. A presença de Raposo Tavares na expansão paulista. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 9, p. 23-61, 1970. Disponível em: <<http://200.144.255.123/Imagens/Revista/REV009/Media/REV09-02.pdf>>. Acesso em novembro de 2016.
- FINAZZI-AGRÓ, Ettore. A origem em ausência: a figuração do índio na cultura brasileira. In: FINAZZI-AGRÓ, Ettore. *Entretempos, mapeando a história da cultura brasileira*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 187-234.
- FOOT-HARDMAN, Francisco. Mundos extintos: as poéticas de Euclides e Pompéia. In: *Cadernos de Literatura Brasileira – Euclides da Cunha*, ns. 13-14, Instituto Moreira Salles, 2002.
- _____. A Amazônia como voragem da história: impasses de uma representação literária. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, no. 29, janeiro- junho de 2007, pp. 141-152.
- _____. A poética das ruínas n'Os Sertões. In: BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 117-124.
- _____. *A vingança de Hileia - Euclides da Cunha, a Amazônia e a Literatura Moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (org.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- NODARI, Alexandre. "Modernismo obnubilado: Araripe Jr. precursor da Antropofagia". In: *VIII Seminário Internacional de História da Literatura*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), 2007. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/NodariPUC.pdf>>. Acesso em abril de 2016.
- POMPEIA, Raul. *Uma Tragédia no Amazonas*. Núcleo de Educação a Distância/Universidade da Amazônia. Belém, s.d.
- _____. Um povo extinto. *Sopro*, n. 85, março de 2013, p. 4. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n85.html>>. Acesso em setembro de 2014.
- REYNA, Ernesto. *Fitzcarrald, el rey del caucho*. Lima: Taller Grafico de P. Barrantes, 1942.
- SOUSA, Inglês de. *O Missionário*. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- STRADELLI, Ermanno. *Lendas e notas de viagem – a Amazônia de Ermanno Stradelli*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- TAUSSIG, Michel. Culture of Terror-Space of Death. Roger Casement's Putumayo Report and the Explanation of Torture. *Comparative Studies in Society and History*. Cambridge, v. 26, n. 3, jul. 1984, p. 467-497.
- _____. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem*. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

TOCANTINS, Leandro. “Euclides da Cunha na Amazônia”. *Folheto comemorativo dos 80 anos de Euclides da Cunha no Acre*. Rio Branco: Governo do Acre, 1985.

VIANNA, Maria Aparecida Barbosa. *Crônicas de Raul Pompéia: um olhar sobre o jornalismo literário do século XIX*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Recebido em 30/04/2017. Aprovado em 05/06/2017

Title: *The indigenous people in À Margem da História*

Author: Camila Bylaardt Volker

Abstract: *This paper explores the indigenous people images in À Margem da História, by Euclides da Cunha, specifically on the papers “Os caucheiros” and “Brasileiros”. First, we made a brief abstract of stories that leave the indigenous people out of their plot, and then we analyse how the Euclidian argument sustain the inevitable extinction of the Amazon Indigenous people.*

Keywords: *Euclides da Cunha. Amazon. Indigenous people.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.